

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: PIV geral 158

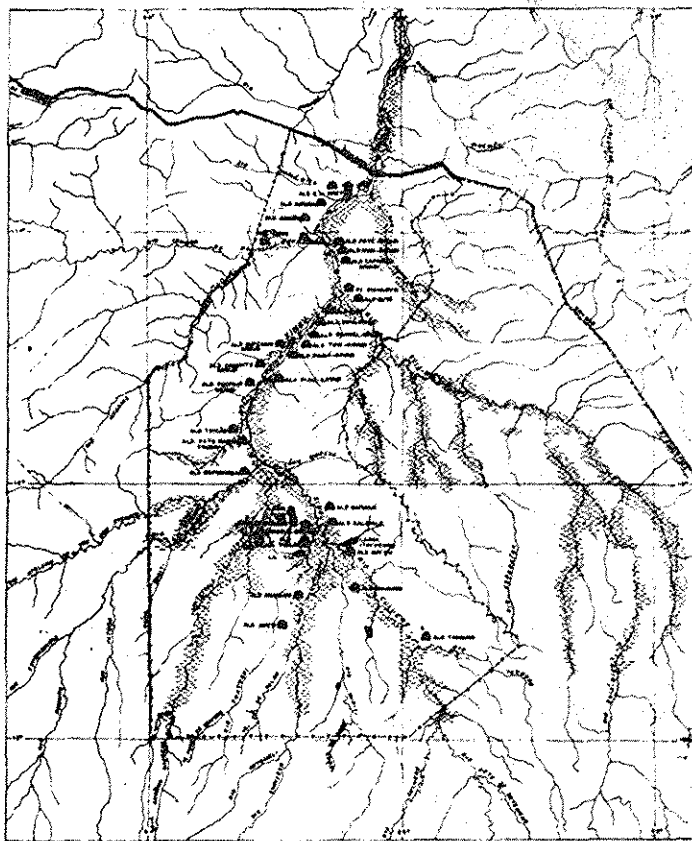
Data: 01.08.86

Pg.: _____

Parece até plada! Não é fácil engolir um projeto que tenha como objetivo a construção de hidrelétricas justamente nos rios que sustentam as aldeias do Parque do Xingu. E, se hoje mais de 30 aldeias convivem numa área de pouco mais de 2.600.000 hectares, como aceitar também o fato de prevalecer uma demarcação que não incluía as cabeceiras dos rios, obrigando os índios a conviver com toda espécie de poluição. Ou a idéia é extinguir, paulatinamente, nações que antes ocupavam todas as matas do País? Só que índio não é boho e está percebendo tudo isso. Agora, um grande movimento acontece no Xingu: lideranças jovens e velhas se preparam para uma conversa com o atual presidente da Funai — Fundação Nacional do Índio —, Romero Jucá. Em pauta, a revisão da demarcação realizada em meados de 1983, explicações a respeito do projeto sobre a construção das hidrelétricas e o tombamento de uma área, considerada sagrada pelas nações, como mais um patrimônio cultural da humanidade. Os contatos com a presidência do órgão já foram feitos, mas parece que Jucá está um pouco receoso quanto ao quadro que deverá encontrar.

Segundo a demarcação do Parque Indígena do Xingu, feita em 06/04/83, quando era presidente Octávio Ferreira Lima e com o apoio de Orlando Vilas-Boas, seus limites estão justamente próximos às cabeceiras dos rios Culuene, Sete de Setembro, Tangaru, Curizevo, Kevuateli, Antônio Bacaeri, Jatobá, Ronuro, Batovi e Arraias. Mas nenhum destes afluentes que se unem para formar o grande rio que corta o Parque — Rio Xingu — tem suas cabeceiras incluídas como terra indígena. O resultado não poderia ser outro: por serem utilizadas em fazendas ou como descarga de esgotos por algumas cidades, as águas já chegam ao parque poluídas. A denúncia quem faz é Ianaculá Rodarte Kamaiurá, atual chefe de Gabinete da Funai: "Eu me admiro que o pessoal antigo não tenha percebido isso aí. Se as cabeceiras dos rios do Xingu não forem protegidas por lei, a área em pouco menos de 10 anos estará completamente condenada".

O que as nações Kuikuru, Kalapalo, Waurá, Kamaiurá, Ywalapiti, Matipu, Nafuquá, Aweti, Trumae, Txitão, Kayabi, Suyá, Juruna, Txucarramãe (Metuktire) e Kaiapó desejam não é uma briga em torno de nova demarcação. Mas esperam que o Governo se preocupe com o fato e crie um cinturão verde de proteção ao Parque. Uma área que seja considerada reserva natural e que existam leis de proteção. Para isso, Ianacu-



Parque Indígena do Xingu, nos municípios de Sinop, Luciara, São Félix, Paranatinga e Canarana (MT)

SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DEMARcada
- PONTO INDÍGENA E ALDEIA INDÍGENA
- POSSIBILIDADE DE RELEVAMENTO SÓLTO
- CORTA D'ÁGUA PERMANENTE
- CORTA D'ÁGUA TEMPORÁRIA
- ALAGADO
- DIREÇÃO DE CORRENTE

Hidrelétrica ameaça terra dos índios

Lideranças jovens e velhas do Xingu estão se preparando para uma conversa com a presidência da Funai. Em pauta, a revisão da demarcação do Parque Nacional do Xingu e explicações a respeito de construção de Hidrelétricas em terras consideradas sagradas pelas nações indígenas. Kuikuru, Kalapalo, Waurá, Kamaiurá, Ywalapiti, Nafuquá, Aweti, Trumae, Txitão, Kayabi, Suyá, Juruna, Tchucarramãe e Kaiapó esperam que o Governo crie um cinturão verde de proteção ao Parque

CARMEM MORETZSOHN
Da Editoria de Cultura

lá informa que os índios estão se preparando: "Vamos tentar mobilizar, entrar em contato com o Partido Verde talvez, para que ele inclua o problema em seu programa. O que esperamos é a criação de reservas que não precisam ser novamente demarcadas, mas que protejam as cabeceiras. Caso isso não aconteça, daqui a uns dez anos, no máximo, a área estará a caminho da condenação. Com isso, entrará em jogo toda a sobrevivência de um povo, de uma cultura. A liberdade de se viver como se quer e não como

a sociedade do branco deseja". Outro problema que as nações xinguanas enfrentam é a existência de um projeto — elaborado quando Mário Andreazza era ministro do Interior — que visa à construção de uma hidrelétrica no rio Xingu. Ora, uma hidrelétrica construída justamente no rio que sustenta as aldeias tornará inviável a vida no local. Quebrará o equilíbrio ecológico e fará com que as nações tenham que se mudar. "Se isso for comprovado atualmente, os índios farão o maior movimento contrário".

avisa Ianaculá. E explica: "O Parque não possui extensas florestas e sim campos e alagadiços: as florestas ficaram fora da demarcação e estão justamente nas cabeceiras dos rios. Quando chove muito, a área próxima ao rio Xingu fica totalmente alagada. Com uma hidrelétrica a situação só tenderá a piorar".

Na opinião de Ianaculá, este projeto deve ter a função de descentralizar. E o índio não quer isso: "Os índios ficaram muito exaltados. Os brancos sempre enganaram os índios, tomaram suas terras. Agora, eles não querem se submeter aos brancos. O primeiro decreto de criação do parque mostrava limites enormes e incluía as cabeceiras dos rios. Depois só foram cortando áreas".

No Parque do Xingu convivem diversas nações, com grupos lingüísticos diferentes. Alguns vieram do litoral como os Tupis e os Caribes. Outros habitavam o interior. A última nação a se unir à cultura xinguaná foi a Txitão, que já apresenta forte influência de uma cultura comum que une todas as nações. Ali estão remanescentes dos grandes grupos que existiam no País, como os Aruak, os Gês, os Tupis e os Caribes. Para todos eles, há uma área onde aconteceu — há muito tempo — o primeiro Kuarup. Esta terra está próxima ao limite do Parque do Xingu. Os índios também não querem que o local sagrado faça parte de suas terras. Mas informou: querem que o lugar seja tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade. Ianaculá explica: "Ali, Deus fez o primeiro Kuarup. E como se fosse o paraíso indígena, onde tudo começou. E uma área sagrada onde existe um cemitério e cerâmicas antigas. Não queremos que tudo isso se perca".

Segundo Ianaculá, todas as três questões visam, somente à preservação da cultura indígena. "Não é porque sou índio que valorizo a cultura indígena, mas acho que se estas nações forem exterminadas, a cultura geral da humanidade sofrerá uma grande perda. A cultura dos povos indígenas é muito significativa, sem par. O conhecimento que inclui não pode ser desprezado. O índio conseguiu sobreviver à hostilidade das matas e impôs uma tecnologia própria. O branco não saberia, por exemplo, confeccionar uma rede a partir da fibra de uma palmeira que existe na região. Ou mesmo não faria a cerâmica como o índio faz e nem aprenderia a arte de fazer fogo. Tudo isso não pode ser desprezado, não deve ser destruído e sim preservado através de um trabalho consciente. Mas o branco não olha por esse lado; só vê o desenvolvimento. Só que isso não é tudo".